

“NÃO MAIS SERVOS, MAS AMIGOS” (Jo 15,15)
*Uma abordagem teológica da amizade
à luz do mistério de Cristo*

Copyright © Darlan Aurélio de Aviz, 2026

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei nº 9.610, de 19/02/1998.
Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou transmitida,
sejam quais forem os meios empregados, sem a autorização
prévia e expressa do autor.

EDITOR

João Baptista Pinto

CAPA

Jenyfer Bonfim

PROJETO GRÁFICO/EDITORIAÇÃO

Luiz Guimarães

REVISÃO

Profª. Dayse Camacho Ferreira Cardoso

Ir. João Paulo Medeiros Franco, OSB

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

A973n

Aviz, Darlan Aurélio de

"Não mais servos, mas amigos" (Jo 15,15) : uma abordagem teológica da amizade à luz do mistério de Cristo / Darlan Aurélio de Aviz. – 1. ed. – Rio de Janeiro : Letra Capital, 2026.

304 p. ; 15,5x23 cm.

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5252-312-9

1. Bíblia. N.T. João – Crítica, interpretação, etc. 2. Amizade – Aspectos religiosos
- Cristianismo. 3. Bíblia – Teologia. I. Título.

CDD: 230.0415

26-104424.0

CDU: 27-278:27-247.8

Meri Gleice Rodrigues de Souza – Bibliotecária – CRB-7/6439

06/04/2026 07/04/2026

LETRA CAPITAL EDITORA
Tels. (21) 3553-2236 / 2215-3781
www.letracapital.com.br

Darlan Aurélio de Aviz

“NÃO MAIS SERVOS, MAS AMIGOS”

(Jo 15,15)

*Uma abordagem teológica da amizade
à luz do mistério de Cristo*

LETRCAPITAL

Conselho Editorial

Série Letra Capital Acadêmica

Ana Elizabeth Lole dos Santos (PUC-Rio)

Beatriz Anselmo Olinto (Unicentro-PR)

Basílio da Silva, OSB (FSBRJ)

Carlos Roberto dos Anjos Candeiro (UFTM)

Claudio Cezar Henriques (UERJ)

Ezilda Maciel da Silva (UNIFESSPA)

Galileu Galilei Medeiros de Souza (UERN)

João Luiz Pereira Domingues (UFF)

Leonardo Agostini Fernandes (PUC-Rio)

Leonardo Santana da Silva (UFRJ)

Lina Boff (PUC-Rio)

Luciana Marino do Nascimento (UFRJ)

Michela Rosa di Candia (UFRJ)

Olavo Luppi Silva (UFABC)

Orlando Alves dos Santos Junior (UFRJ)

Pierre Alves Costa (Unicentro-PR)

Rafael Soares Gonçalves (PUC-RIO)

Robert Segal (UFRJ)

Roberto Acízelo Quelhas de Souza (UERJ)

Sandro Ornellas (UFBA)

Sérgio Tadeu Gonçalves Muniz (UTFPR)

Waldecir Gonzaga (PUC-Rio)

Àquele que me chamou para sua Amizade

Prefácio

A AMIZADE COMO LUGAR TEOLÓGICO: DA EXPERIÊNCIA HUMANA À GRAMÁTICA DA GRAÇA

A investigação em Teologia Prática assume, no atual panorama eclesial e acadêmico, uma urgência indeclinável. Longe de ser um mero apêndice aplicativo da dogmática ou uma sociologia religiosa, ela constitui-se como a disciplina da “fé em ato”, o lugar onde a Revelação é interpelada pelas dinâmicas da existência concreta. É precisamente nas experiências mais universais e estruturantes do humano – o amor, a dor, o vínculo, a festa, a amizade – que a Teologia encontra os seus *loci* privilegiados para compreender, não apenas intelectualmente, mas existencialmente, a economia da Graça. Deus não se diz no vazio, mas na carne da história e na tessitura das relações.

É neste horizonte hermenêutico que se inscreve, com notável pertinência, a tese de Doutorado de Darlan Aurélio de Aviz, intitulada «*Não mais servos, mas amigos*» (Jo 15,15): *Uma abordagem teológica da amizade à luz do mistério de Cristo*. A oportunidade deste estudo reside na sua coragem em tomar a amizade – tantas vezes remetida para a subjetividade afetiva – e elevá-la à categoria de chave de leitura para o próprio mistério da Aliança. O autor compreende que a amizade não é um adorno da vida cristã, mas a sua infraestrutura vital.

O itinerário desta obra constrói-se como uma progressão deliberada, metodologicamente coerente, que parte das fissuras relacionais do presente para reencontrar, na espessura da Revelação e na memória viva da Tradição, uma gramática teológica da amizade capaz de sustentar um discernimento pastoral para o nosso tempo. O ponto de partida delimita, com clareza, o horizonte e o método: pensar a amizade numa chave teológico-litúrgica, não como mera categoria

afetiva, mas como lugar hermenêutico onde o serviço se transfigura em dom e onde o outro deixa de ser extensão do eu para surgir como alteridade acolhida. A reflexão avança, então, para o dado bíblico, acompanhando a história da salvação como história de Aliança que se deixa ler, também, como história de amizade: a iniciativa divina que escolhe, confia, conduz e permanece prepara a culminância cristológica, na qual a amizade assume forma pascal, medida pela doação da vida pelos amigos. Neste movimento, a amizade revela-se como linguagem teológica com densidade antropológica e alcance eclesial, imunizando o tema contra o sentimentalismo e apresentando-o como estrutura relacional do amor cristão e critério de inteligibilidade da comunhão.

A partir daqui, a obra desloca o centro de gravidade para a Tradição, fazendo da liturgia não apenas um contexto devocional, mas uma verdadeira “escola” onde a amizade se aprende, se recebe e se configura: a memória de santos amigos – particularmente em Basílio de Cesareia e Gregório de Nazianzo –, torna-se testemunho mistagógico, capaz de iluminar como a Igreja celebra, educa e tece vínculos, mostrando que a santidade é intrinsecamente relacional e que a comunidade é chamada a ser, mais do que um agregado, um corpo. Só então a reflexão “aterra” plenamente na complexidade contemporânea, sob a luz do magistério recente e em diálogo crítico com a cultura digital, distinguindo entre “estar presente” e “estar conectado” e propondo critérios para habitar o digital sem abdicar da densidade do encontro, da paciência do vínculo e da verdade do cuidado; aqui, a obra recusa tanto a demonização como a idealização das redes sociodigitais e indica paradigmas de uma presença que não renuncia à encarnação no “continente digital”. A convergência final faz-se por via de uma síntese celebrativa: ao ler a Oração Eucarística IV como condensação da história da salvação, reencontra-se no coração da vida eclesial a lógica Aliança-amizade e recoloca-se a pergunta decisiva sobre o tipo de Igreja que se forma quando a Eucaristia é reconhecida como encontro que gera amizade em Cristo; isto é, que cria povo, cura fragmentações e inaugura possibilidades novas de vida comum.

A importância da obra que o leitor tem em mãos revela-se vital para o momento que atravessamos e ultrapassa, por isso, a mera delimitação de um tema. Num tempo em que a tentação é reduzir a evangelização ao marketing e a presença cristã à lógica dos influenciadores, este trabalho recorda-nos a nossa vocação fundamental: não somos chamados a ser gestores de algoritmos, mas testemunhas do Amor de Deus na Rede. Testemunhas que não cedem à tirania da imagem, nem à tirania do algoritmo – essa lógica de visibilidade sem presença, de impacto sem comunhão – e que, pelo contrário, escolhem a densidade do encontro, a liberdade interior e a fidelidade ao outro concreto. Deste modo, esta obra não se limita a diagnosticar: oferece um princípio de discernimento e de reconstrução comunitária, insistindo que é imperativo resistir à sedução de uma presença medida apenas por métricas e impactos, e reencontrar a audácia de edificar comunidades cristãs vivas. Se a amizade de Deus é o alicerce e a amizade cristã a argamassa que tudo solidifica, então a tarefa eclesial no digital não é ampliar audiências, mas criar lugares onde a ligação se converte em pertença, a comunicação em hospitalidade e a fé em amizade que se torna caminho partilhado, sustentado por Cristo, para que a graça de Deus se torne existencialmente inteligível e socialmente fecunda. Por isso, deixa-se aqui um apelo a uma leitura serena desta obra: não como consumo rápido de ideias, mas como estímulo paciente à criação de mapas espirituais que nos ajudem a habitar, com lucidez e esperança, o “continente digital”.

Braga, 10 de fevereiro de 2026,
Memória de Santa Escolástica.

Prof. Dr. Pe. Luís M. Figueiredo Rodrigues

*Diretor da Faculdade de Teologia da
Universidade Católica Portuguesa*

SUMÁRIO

SIGLAS E ABREVIATURAS	13
1 INTRODUÇÃO.....	19
2 O ITINERÁRIO DA AMIZADE NA REVELAÇÃO BÍBLICA	29
2.1 A amizade na Revelação veterotestamentária: um convite à Aliança	30
2.2 O tema da amizade em Gênesis.....	32
2.2.1 A criação como Revelação da amizade de Deus	32
2.2.2 Abraão, o amigo de Deus	34
2.3 O tema da amizade em Êxodo: Moisés, o amigo de Deus ..	38
2.4 O tema da amizade nos Livros de Samuel: Jônatas e Davi.	42
2.5 A amizade na Revelação neotestamentária: um convite à doação	46
2.6 O tema da amizade no Evangelho de Mateus.....	46
2.6.1 As controvérsias do verbo amar (φιλέω) no Primeiro Evangelho	46
2.6.2 Os frutos do amor (φιλία) no Primeiro Evangelho....	50
2.7 O tema da amizade no Evangelho de Lucas.....	53
2.7.1 Os gestos concretos da amizade (φιλία) no Terceiro Evangelho.....	53
2.7.2 Os gestos efêmeros de amizade (φιλία) no Terceiro Evangelho.....	61
2.8 A amizade no Evangelho de João.....	63
2.8.1 O Livro dos Sinais	63
2.8.2 O Livro da Hora.....	67
2.8.3 O Epílogo do Evangelho de João	75
2.9 Conclusão	83

3	LITURGIA: FONTE DE VIDA, DE ORAÇÃO E DE AMIZADE	89
3.1	A teologia da amizade que brota do coração de Basílio e Gregório: um testemunho patrístico-litúrgico	90
3.1.1	Basílio de Cesareia: o itinerário de um pastor.....	91
3.1.2	Elementos fundamentais do pensamento de Basílio de Cesareia	97
3.1.3	Gregório de Nazianzo: o itinerário de um monge poeta	101
3.1.4	Elementos fundamentais do pensamento de Gregório de Nazianzo.....	110
3.2	Oração 43: Uma ode à amizade	117
3.2.1	“Sermos reconhecidos como cristãos: eis a nossa identidade”	127
3.2.2	Oração 43: a amizade cristã como itinerário de humanização e santificação	132
3.3	Liturgia: sinal visível da comunhão entre Deus e o homem	138
3.3.1	Noção de liturgia na Sacrosanctum Concilium e no Catecismo da Igreja Católica.....	143
3.3.2	Espiritualidade litúrgica	151
3.3.3	Espiritualidade litúrgica: Das origens ao Concílio Vaticano II.....	154
3.3.4	Espiritualidade litúrgica: traços característicos	160
3.3.5	Mistagogia litúrgica: a presença real do mistério....	164
3.4	Conclusão	165
4	“AO PROCURAR-VOS, VOS PUDESSEM ENCONTRAR”	170
4.1	A teologia da amizade no magistério do Papa Francisco ..	171
4.1.1	Amizade: no encontro com Deus	175
4.1.2	Amizade: no encontro com o outro	179
4.1.3	Amizade social	183
4.1.4	Amizade: um caminho de renovação para a Igreja ...	188

4.2	A teologia da amizade como um caminho de renovação na celebração litúrgica	193
4.2.1	Elementos precedentes à celebração litúrgica: oração, lectio divina, catequese e ritualidade	194
4.2.2	Liturgia: escola da hospitalidade e da amizade	210
4.3	A amizade: o estrangeiro que bate à porta na era digital ..	221
4.3.1	O homem que comunica.....	225
4.3.2	O homem que busca	228
4.3.3	O espaço que acolhe	235
4.4	A Igreja que celebra a amizade	242
4.4.1	A Oração Eucarística IV	243
4.4.2	A amizade à luz da Oração Eucarística IV	250
4.4.3	Memorial de um tempo futuro.....	256
5	CONCLUSÃO	262
6	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	275
7	ÍNDICE TEMÁTICO.....	299

SIGLAS E ABREVIATURAS

AAS	Acta Apostolicae Sedis
a.C.	antes de Cristo
Am	Livro do profeta Amós
Ap	Livro do Apocalipse
APH	Acta Philosophica
AT	Antigo Testamento
At	Atos dos Apóstolos
BAC	Biblioteca de autores cristianos
BEL	Bibliotheca Ephemerides Liturgicae
Br	Livro do profeta Baruc
BRJL	The Brill Reference Library of Judaism
BPL	Boletim de Pastoral Litúrgica
cap.	capítulo / capítulos
CBQ	Catholic Biblical Quarterly
CCE	Catechismus Catholicae Ecclesiae
CCSL	Corpus Christianorum Series Latina
Cf.	Conferir
CLV	Centro Liturgico Vincenziano
Cl	Carta aos Colossenses
Col.	Coleção
2Cr	2º Livro das Crônicas
1Cor	1ª Carta aos Coríntios
d.C.	depois de Cristo
DENT	Dizionario Esegético del Nuovo Testamento
DGC	Diretório Geral para a Catequese (2020)
Dn	Livro do Profeta Daniel
Dt	Livro do Deuteronômio
DV	Constituição Dogmática Dei Verbum
Ecl	Livro do Eclesiastes
Eclo	Livro do Eclesiástico

Ed.	Editor / Editora
EDB	Edizioni Dehoniane Bologna
Eds.	Editores
Ef	Carta aos Efésios
EMP	Edizioni Messaggero Padova
EN	Ética a Nicômaco
Ep.	Epístola
EstBib	Estudios bíblicos
ETL	Ephemerides Theologicae Lovanienses
Ex	Livro do Êxodo
Fl	Carta aos Filipenses
GLAT	Grande Lessico dell'Antico Testamento
Gn	Livro de Gênesis
GLNT	Grande Lessico del Nuovo Testamento
GS	Constituição Pastoral Gaudium et Spes
HPPE	HÄNGGI, A – PAHL, I. Prex eucharistica. Textus e variis liturgiis antiquioribus selecti.
Ibid.	<i>Ibidem</i>
Id.	<i>Idem</i>
IEICE	<i>Institute of Electronics, Information and Communication Engineers</i>
Is	Livro do profeta Isaías
IGMR	<i>Institutio Generalis Missalis Romani</i>
JBL	Journal of Biblical Literature
JBQ	Jewish Bible Quarterly
JETS	Journal of the Evangelical Theological Society
Jo	Evangelho segundo São João
1Jo	1ª Carta de São João
3Jo	3ª Carta de São João
JP	Søren Kierkegaard's Journals and Papers
JPT	Journal of Pentecostal Theology

Jr	Livro do Profeta Jeremias
JSNT	Journal for the Study of the New Testament
JSOTS	Journal for the Study of the Old Testament. Supplement Series
JTC	Journal for the Theology of Culture
JThS	The Journal of Theological Studies
Lc	Evangelho segundo São Lucas
LED	Edizioni Universitarie di Lettere Economia Diritto
loc.cit	<i>loco citato</i>
Lv	Livro do Levítico
Mc	Evangelho segundo São Marcos
Mn	De Monarchia
MR	Missale Romanum ex decreto Sacrosancti Oecumenici Concilii Vaticani II instauratum, auctoritate Pauli PP. VI promulgatum, Ioannis Pauli PP. II cura recognitum, Civitas Vaticana: Typis Vaticanis, 2008.
Mt	Evangelho segundo São Mateus
n.	número(s)
NA ²⁸	NESTLE, E. – ALAND, K., ed., <i>Novum Testamentum Graece</i> , Stuttgart 1898, 2012 ²⁸
Neot	Neotestamentica
NICNT	The New International Commentary on the New Testament
Nm	Livro dos Números
NT	Novo Testamento
OCA	<i>Orientalia Christiana Analecta</i>
Op.cit	<i>opus citatum</i>
org.	Organização
p.	página(s)
PIO	Pontificio Istituto Orientale
PG	<i>Patrologiae cursus completus. Series graeca</i> , J.-P. MIGNE, ed., Paris 1857-1866.
PL	<i>Patrologiae cursus completus. Series latina</i> , J.-P. MIGNE, ed., Paris 1841-1864.

Pol.	Política
Pr	Livro dos Provérbios
Pról	Prólogo da Regra de São Bento
PSV	Parola Spirito e Vita
RAM	Revue d'ascétique et de mystique
RExp	Review and Expositor
RB	Regra de São Bento
Rm	Carta aos Romanos
Sb	Livro da Sabedoria
séc.	Século
SC	Constituição Sacrosanctum Concilium
SCh	Sources Chrétiennes
SEI	Società Editrice Internazionale
Sl	Salmos
1Sm	1º Livro de Samuel
2Sm	2º Livro de Samuel
Tg	Carta de São Tiago
TM	Texto Massorético. ELLIGER K. – RUDOLPH, W., ed., <i>Biblia Hebraica Stuttgartensia</i> , Stuttgart 1967-1977, 1997 ^s .
1Tm	1ª Carta a Timóteo
TTB	PENNA, R. – PEREGO, G. – RAVASI, G., eds., <i>Temi Teologici della Bibbia</i> , DSP, Cinisello Balsamo 2010.
UR	Decreto Conciliar Unitatis Redintegratio
v / vv	versículo / versículos
vol.	Volume
Vida	Livro da vida
WBC	World Biblical Commentary
ZNW	Zeitschrift für die neutestamentliche Wissenschaft und die Kunde der älteren Kirche
κτλ.	καὶ τὰ λοιπὰ (etcetera)
§ / §§	seção / seções

*Temos de ir à procura das pessoas,
porque podem ter fome de pão ou de amizade.*

Madre Teresa de Calcutá

INTRODUÇÃO

“**N**ão mais servos, mas amigos” (Jo 15,15a): com esta afirmação, Jesus, em seu discurso de despedida, transforma a natureza das relações entre servo e senhor. Em uma espécie de testamento espiritual, Ele prepara os discípulos para o momento celebrativo futuro: “Já não vos chamo servos, porque o servo não sabe o que seu senhor faz; mas vos chamo amigos, porque tudo o que ouvi de meu Pai vos dei a conhecer” (Jo 15,15b). Qual seria a razão destas palavras de Jesus e o que elas significam para aqueles que, ao longo do seu caminho, são surpreendidos por essa nova proposta de relação, que coloca em movimento o dinamismo do Mistério Pascal? Afinal, qual seria o modelo de amizade oferecido por Jesus aos seus discípulos?

Esta tese doutoral nasce de uma paixão pelo tema da amizade oferecida por Cristo aos seus amigos, e pelo desejo de contribuir para o processo de renovação das relações humanas, por meio de uma abordagem teológico-litúrgica sobre a amizade, à luz do mistério de Cristo, principalmente no que tange à vida da Igreja. Sendo assim, serão apresentadas a estas indagações iniciais, reflexões alicerçadas no projeto salvífico oferecido por Deus, que destacam o papel fundamental da amizade para o resgate dessas relações.

Sem uma adequada reflexão, a amizade corre o risco de ser percebida apenas como a proximidade entre duas pessoas que confiam suas almas a uma relação centrada e finita nelas mesmas, tornando-se, deste modo, nociva. Isso porque o amigo, que deveria ser o contraponto desta relação, passa a representar apenas uma extensão do eu, transformando a alteridade em uma uniformidade estéril, cujas ações se voltam apenas para o próprio mundo que o desumaniza, e, conseqüentemente, os gestos, que deveriam ser pontes para aproximar os seres humanos, tornam-se muros que edificam a solidão. A sutileza da

humanização consiste, portanto, na delicadeza de servir ao próximo sem que ele o perceba, transformando o serviço em uma liturgia da amizade e um caminho em direção a Deus.

A verdadeira amizade tem o poder de impulsionar um encontro transformador, capaz de humanizar o indivíduo e torná-lo apto para o encontro celebrativo dos amigos com o Amigo, que, apesar de tantas diferenças, permite que os olhares se voltem para uma mesma direção, e os caminhos percorridos se interceptem como um rio com vários afluentes, para que, num determinado momento da história, esses amigos percebam que, ao se abraçarem, somam forças que os sustentam até o fim.

A vida experimentada com o amigo conquista um rosto e uma história, com contornos daquilo que até então era intangível, para juntos alcançarem o mistério que se torna habitado, no qual, os que antes eram apenas dois, passam a ser três. Cristo é o terceiro elemento que se faz presente para configurar o grande diferencial das relações: a amizade cristã.

Em seu livro, M. Aquilina emprega a centralidade da amizade no coração do Evangelho, e por meio dela apresenta o caminho que a Igreja Primitiva encontrou como sinal e instrumento de evangelização para a humanização, no qual evangelizar o mundo consistia na atitude de um amigo que trazia o outro para a Igreja, e, assim, ambos se tornavam também amigos de Deus¹. Tal concepção é consoante ao documento publicado pela Congregação para a Doutrina da Fé, sobre a evangelização da Igreja:

[...] através do diálogo, os homens de boa vontade abrem mais livremente o coração e partilham sinceramente as suas experiências espirituais e religiosas. Tal partilha, característica da verdadeira amizade, é uma ocasião preciosa para o testemunho e para o anúncio cristão.²

Para a filósofa alemã H. Arendt: “humanizamos o que ocorre no mundo e em nós mesmos apenas ao falar disso, e no curso da fala aprendemos a ser humanos” e “por mais afetados que sejamos pelas

¹ AQUILINA, M. *Friendship and the Fathers: How the Early Church Evangelized*, p. 9.

² CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ. *Nota doutrinal sobre alguns aspectos da evangelização*, n. 8.

coisas do mundo, por mais profundamente que possam nos instigar e estimular, só se tornam humanas para nós quando podemos discuti-las com nossos companheiros”³. Este pensamento corrobora a relevância desta tese, que estuda a amizade cristã. Esta pode ser o instrumento que proporcione ao ambiente acadêmico e à Igreja um repensar na sua liturgia com as características de uma *philia* humanizadora.

Sendo assim, é mister atentar cuidadosamente para as relações na vida da Igreja, que, diante desse cenário, também permitiu a edificação de sólidos muros que fragilizaram e isolaram boa parte de suas comunidades, que hoje seguem apáticas, apenas cumprindo preceitos e ritos regularmente.

Esta pesquisa doutoral considera a amizade cristã como um processo reparador das fissuras que fragmentam as relações *ad intra* e *ad extra* da Igreja, para que cada cristão, em cada celebração, possa identificar no outro a verdadeira face de seu Amigo. Sendo assim, esta tese dará continuidade ao estudo previamente iniciado no mestrado⁴, agora, porém, direcionado a uma perspectiva teológico-litúrgica.

Falar hoje sobre um modelo de amizade cristã não se limita ao relato de uma trivial relação de ajuda mútua. A amizade cristã abarca o encontro de duas gratuidades, que se acolhem não apenas para amparar o outro na sua fraqueza, mas também para ser estimado por um amigo em sua própria fragilidade.

Sem esta generosidade não é possível falar de uma autêntica *philia* cristã, pois esta é uma experiência genuinamente viva e humana, que impulsiona o repensar sobre o papel das celebrações litúrgicas, não sob a ótica de um Deus distante da fraqueza humana, com o qual o ser humano não mais se identifica, mas no significado da presença real do Deus Encarnado, que, em cada Eucaristia, rompe os grilhões da servidão para assegurar uma Aliança com seus amigos, “recuperando assim a matriz de todo o gênero humano, constituído como o ser querido por Deus”⁵. Nesta autorrevelação, Cristo assume não apenas

³ ARENDT, H. Homens em Tempos Sombrios, p. 33-34.

⁴ AVIZ, D. A; COSTA, P. C. “Uma alma em dois corpos” A amizade cristã como processo de humanização e manifestação do amor de Deus na Oração 43, 14-24 de São Gregório de Nazianzo. Rio de Janeiro, 2017. 127p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

⁵ MIRANDA, M. F., “Evangelizar ou Humanizar?”, p. 537.

nossa natureza, mas oferece a autêntica *philia* cristã, onde o sagrado e o cotidiano se intersignificam como uma única realidade celebrativa.

Destarte, é mister que a cada Celebração Eucarística a bondade divina seja compreendida como uma dádiva universal, que não se traduz por um mero relato histórico de um Deus de amor e ódio, mas retrata Aquele que, em sua onipotência, revela ao homem um amor incondicional, capaz de oferecer a todo instante uma aliança-amizade, para que este encontro salvífico seja atemporal e não se reduza a um momento ordinário, mas a um eterno presente que a todos alcança durante o Mistério Eucarístico.

Mediante o grandioso desafio da Igreja, de despertar os cristãos adormecidos no berço da apatia durante as celebrações, consideram-se oportunas as ricas contribuições do movimento litúrgico, que, mesmo passados cinquenta anos após o Concílio Vaticano II, mantém-se na vanguarda do tempo. O Concílio preconiza que para alavancar uma vida cristã é imprescindível a busca por uma adequação que seja mais compatível às necessidades dos nossos dias⁶.

A liturgia pode seguramente assumir este desafio e quebrar o paradigma de apenas ser vista como um tradicional ritual de preceito, para apropriar-se de seu verdadeiro significado em cada ato celebrativo, e assim fazer da amizade cristã uma fonte viva e inesgotável, que renova e sustenta constantemente as relações humanas.

Diante dessa proposta, é fundamental considerar a importância do missal como o livro indispensável para a vida de oração de cada cristão, especialmente na vida cotidiana dos pastores que assumiram o compromisso de conduzir seus fiéis ao encontro com Cristo, como também permanecer voltado a uma profunda e sincera meditação sobre a relação com o Senhor na oração. Em sua catequese, o Papa Francisco convoca a esta reflexão:

Deixamo-nos surpreender ou pensamos que a oração é falar a Deus como fazem os papagaios? Não, é confiar e abrir o coração para se deixar surpreender. Deixamo-nos maravilhar por Deus que é sempre o Deus das surpresas? Porque o encontro com o Senhor é sempre um encontro vivo, não é um encontro de museu. É um encontro vivo e

⁶ SC 1.

nós vamos à Missa e não a um museu. Vamos a um encontro vivo com o Senhor.⁷

Numa visão mais criteriosa, é oportuno reconhecer que, com o passar do tempo, os cristãos paulatinamente se distanciaram do verdadeiro sentido da Oração Eucarística e, conseqüentemente, do valor de sua rica espiritualidade. Durante os atos celebrativos, a grande maioria permanece aparentemente anestesiada e condicionada a repetir sincronicamente monótonos rituais de preceito, que acabam por já não dizer nada ou quase nada aos seus corações.

Conforme a citação de um dos padres do movimento litúrgico, M. Festugière: “não há sequer a suspeita de que o breviário, o missal, o ritual podem representar um ‘potencial’ para a religiosidade de um padre ou de um crente: e isso é dramático”⁸. Ao considerar que a Oração Eucarística revela em si a história da salvação, que se perpetuou ao longo do tempo para tornar-se modelo de uma prática cristã, é inconcebível que hoje permaneça circunscrita a uma mera leitura contínua de um texto, que, por ser narrada tantas vezes, permaneça gravada na memória de cada cristão, mas já não ecoe nos seus corações.

Por essa razão, é imprescindível que, ao ser proferida, esta oração se converta numa legítima experiência viva e capaz de conduzir cada cristão ao mistério do encontro dos verdadeiros amigos de Cristo. Para isso, a intimidade e a familiaridade com os textos da oração litúrgica são condições indispensáveis para uma autêntica *lectio divina*, que não deve ser confundida com uma técnica⁹, mas reconhecida como um caminho que conduz à participação ativa de uma assembleia que lê, medita, contempla e anseia por uma Aliança com Cristo, que, ao descer à profundidade dos textos litúrgicos, se depara com um oceano a ser explorado que jamais se esgota.

Ao se apropriar de suas palavras, o leitor percebe que o Texto Sagrado ganha vida. Esse encontro com a Palavra torna-se sempre novo, e seu sentido, conforme O. Clément, vem do enraizamento na Tradição, da abertura à torrente de vida da comunhão dos santos, onde

⁷ FRANCISCO, PP. Audiência Geral de 15 de novembro de 2017.

⁸ FESTUGIÈRE, M., *La liturgia cattolica*, p. 67 (Tradução nossa).

⁹ SILVA, B., *Diálogos com a Palavra*, p. 12.

a leitura tem sabor litúrgico e eucarístico: “a Eucaristia, onde acontece o encontro, a esclarece”¹⁰.

O texto eucológico, quando proferido em uma assembleia litúrgica, transforma-se na expressão celebrativa da amizade, e a Igreja, como mistagoga, conduz seus filhos à oração e à celebração do mistério da amizade com Cristo. A partir deste acontecimento, a Anáfora Eucarística ganha vida, e, pela força do Espírito Vivificante, o que era letra morta assume a história salvífica de uma amizade entre Deus e a humanidade, que se desdobra no *hoje* litúrgico.

Considerando o movimento hermenêutico próprio da Tradição viva da Igreja, no contexto atual desta, o pensamento do Papa Francisco demonstra um grande interesse em promover os processos de renovação da vida cristã, sem ignorar a espiritualidade e a práxis litúrgica¹¹. Esta hermenêutica proposta pelo Sumo Pontífice se exprime em termos de novos paradigmas que proporcionem a eficácia para as relações humanas, fundamentados pela coerência evangélica. Assim, uma releitura da teologia da amizade dentro do âmbito celebrativo, enquanto *culmen et fons*¹², pode contribuir de forma relevante para a renovação da Igreja.

Como passo inicial, esta tese doutoral começa apresentando o itinerário da amizade na Revelação Bíblica, procurando demonstrar que a história da salvação pode ser contemplada no contexto de uma grande amizade entre Deus e seu povo, nos moldes de uma Aliança (*berît*). Contudo, por uma delimitação metodológica, serão privilegiados no AT alguns modelos bíblicos de amizades que iluminam e sintetizam a melhor compreensão da relação entre aliança e amizade de pessoas que foram eleitas por Deus, e, na sua singularidade, vivenciaram o privilégio de uma relação que transformou suas vidas e as daqueles que buscaram fazer parte dessa Aliança.

No NT, a amizade se abre a universalidade para assumir o con-

¹⁰ CLÉMENT, O. Fontes, p. 94.

¹¹ No período de novembro de 2017 a abril de 2018, o Papa Francisco, ao longo de quinze catequeses, explicou a importância da Santa Missa, detendo-se a ensinar as partes que a compõe e a sua relevância na vida do cristão. “Através destas – disse o Santo Padre –, quis redescobrir com vocês a beleza que se esconde na celebração eucarística, e que, uma vez revelada, dá sentido pleno a vida de cada um”. FRANCISCO, PP. Audiência Geral de 8 de novembro de 2017.

¹² SC 10.

vite que Jesus apresenta como o paradigma das relações à luz do seu Mistério Pascal, tornando-se o “sim” da Nova Aliança. Ao analisar o uso do termo *philia* nos Evangelhos, é descortinada uma autêntica teologia bíblica da amizade, que representa um alicerce fundamental para desenvolvimento dos capítulos subsequentes.

O Quarto Evangelho possui um papel fundamental nesta análise, porque o seu léxico se refere particularmente a termos relacionados ao conceito de amor e suas nuances, sobretudo, pela ocorrência do verbo *phileō*. Jesus, como o sinal da Nova Aliança, realiza na história da salvação o papel decisivo de estabelecer uma nova configuração na relação entre discípulo e mestre, em que a liturgia ganha, pela *philia* de Cristo, o gosto antecipatório de um amor que permite a cada fiel sentir-se seguro o suficiente para, como João, reclinar sua cabeça sobre o peito do Senhor, fazendo a experiência de ser o “discípulo amado”, ou Aquele que Jesus ama com o amor de *philia* (Jo 20,2).

Os termos estudados foram consultados na Bíblia Hebraica Stuttgartensia, 5ª edição, e o *Novum Testamentum Graece*, 28ª edição. A análise narrativa é o método aplicado para o estudo dos textos bíblicos, tendo por objetivo compreender a trama narrativa textual, que não pretende apresentar apenas uma teologia, mas o relato de experiências de amizade que indagam por uma resposta de fé ou por uma revisão de vida, tanto a nível pessoal quanto comunitário, no sentido de ampliar os horizontes que definem a vida de cada pessoa e o futuro de sua comunidade quando iluminadas pela *philia* de Deus.

A partir de uma pesquisa bibliográfica sobre a amizade cristã, o método adotado para os capítulos seguintes é o hermenêutico teológico, com o objetivo de coordenar de modo sistemático este tema, bem como, os princípios que dele decorrem, visando a uma melhor interpretação do valor da amizade na atualidade.

Como encadeamento orgânico, o capítulo seguinte, intitulado “Liturgia: fonte de vida, de oração e de amizade”, dedica-se ao estudo da liturgia como fonte única e originária ao exprimir o mistério de Cristo, que, como Amigo, conduz e educa os seus amigos a viverem do mistério celebrado. A liturgia, diante da expressão da amizade, torna-se o ambiente propício para uma releitura cristológico-eclesiológica do elemento humano, bem como, de transformação da amizade enquanto lugar

do mistério. A Igreja, ao celebrar este mesmo dom do Senhor, frutifica no tempo o acontecimento salvífico, que se perpetua como uma única Páscoa na vida daqueles que se reúnem em assembleia para celebrar.

Em seguida, ainda neste capítulo, a memória litúrgica de São Basílio de Cesaréia e de São Gregório de Nazianzo é estudada como exemplo de amizade – escolhida por uma delimitação metodológica dentre as amizades contempladas no ano litúrgico –, onde, apesar das diferenças, é revelado um caminho de humanização e de encontro com Deus.

A celebração litúrgica dessa memória é um fator primordial para o amadurecimento humano e espiritual do fiel, para a compreensão de que a espiritualidade litúrgica não é abstrata, mas sensível às realidades da vida. A Igreja, ao celebrar a memória dos santos, celebra, na verdade, a vitória de Cristo em suas vidas e obras¹³. Portanto, celebrar na liturgia a amizade destes dois Padres Capadóciós é reconhecer também a vitória do Cristo-Amigo na vida de Basílio e Gregório, como instrumento e caminho de humanização e santificação.

A escolha destes dois Padres da Igreja não é aleatória, mas motivada pelo testemunho patrístico-litúrgico que a *Oração 43* apresenta, sobretudo nos §§ 15-22 desta memorável oração, que consagrou e imortalizou, na história da literatura cristã e da Igreja, um dos maiores exemplos de amizade no período Patrístico, oferecendo à teologia elementos que a iluminam e a ajudam a resgatar o papel da amizade, em um contexto histórico e eclesial imerso na espiritualidade litúrgica.

Deste dinamismo, floresce uma espiritualidade litúrgica que não se restringe aos momentos celebrativos, mas abarca a concretude da realidade humana, na qual cada batizado é convocado a fazer o movimento pascal, isto é, com Cristo celebrar o seu Mistério, que se perpetua ao longo do ano como a única Páscoa, fazendo dela o alimento substancial e o *locus* da renovação de sua fé no Ressuscitado.

A amizade, presente nesse contexto, vai se expressar na liturgia como a força que jorra do corpo do Ressuscitado e tem nesta a sua fonte, a partir da cooperação entre o Espírito Vivificante e a Igreja. Este trabalho em conjunto (sinergia), que fundamenta a base de uma relação humana de amizade, possui a sua realização perene na liturgia

¹³ SC 111.

da Igreja. Assim, a liturgia passa a ser igualmente o exercício da amizade: de amigos para o Amigo.

O último capítulo, intitulado “Ao procurar-vos, vos pudessem encontrar ...”, trecho retirado do prefácio da Oração Eucarística IV, destina-se à contextualização dos desafios presentes na Igreja acerca da amizade, e à construção de um pensamento face às novas necessidades e vivências, sobretudo no âmbito da era digital e o seu desdobramento na vida comunitária. A circunstância de uma pandemia motivou também uma reflexão sobre a contribuição das mídias digitais nas relações de amizade dentro e fora da Igreja.

A partir dessa experiência, questiona-se a possibilidade das mídias digitais se revelarem, ou não, como uma ferramenta facilitadora para a construção de verdadeiras amizades, e, sendo assim, qual seria o papel da espiritualidade litúrgica para a edificação da amizade cristã dentro desses espaços digitais?

Diante dessas considerações, uma teologia da amizade identificada no magistério do Papa Francisco inaugura o terceiro capítulo, lançando o desafio de novos caminhos para a experiência de uma autêntica *philia* cristã, que interpela a humanidade a refletir para redescobrir um caminho sinodal.

Consciente desse precioso desafio, ao lançar um olhar sistemático sobre a amizade no pontificado do Papa Francisco, esta tese doutoral apresenta a novidade que provoca uma profunda reflexão sobre o significado da amizade na vida dos cristãos, correlacionando-a à graça deste encontro no âmbito litúrgico-celebrativo, como também, propondo uma nova perspectiva sobre o termo liturgia, enquanto relação de amizade entre Deus e o ser humano, em contraponto à definição usual deste termo, como “serviço público” (CCE 1122).

Uma vez que a autêntica *philia* cristã tem predominantemente elementos bíblicos ligados à nova Aliança instaurada entre Cristo e os seus discípulos, inaugura-se uma nova modalidade ao se exercer o ato celebrativo: os cristãos deixam de ser meros servidores para tornarem-se amigos de Cristo.

Com isso, a amizade, no contexto de uma espiritualidade litúrgica, se transforma em uma dinâmica relacional como processo de santificação por meio da Aliança, traduzida pela Oração Eucarística

IV, na qual o ser humano, ao assumir este percurso, se santifica e se humaniza nessa nova liturgia filial.

O papel da amizade na estrutura teológica da Oração Eucarística IV do Missal Romano se manifesta como um *iter* teológico que merece ser aprofundado, visto que traz em si elementos de uma autêntica *philia* cristã, que se faz presente em um ato celebrativo. Tal presença se expressa, à luz da história da salvação, como um processo de humanização e formação integral do indivíduo, articulando harmoniosamente o binômio *lex orandi, lex credendi*.

Embora essa Oração não tenha como tema principal a teologia da amizade, esta se faz presente em seu prefácio imutável. Ao utilizar uma abordagem indutiva, propõe-se uma análise sobre a teologia da amizade com Cristo na história, onde os elementos bíblicos, patrísticos, litúrgicos e midiáticos, encontram nela o seu eco, o que faz dessa Oração a “síntese mais completa da história da salvação”¹⁴.

Destarte, a Igreja, ao abraçar o testemunho da *philia*, não pode negligenciar as novas realidades e desafios que a interpelam a ser sinal da íntima união com Deus, para que “deste modo os homens todos, hoje mais estreitamente ligados uns aos outros, pelos diversos laços sociais, técnicos e culturais, alcancem também a plena unidade em Cristo”¹⁵.

Nesta perspectiva, a amizade cristã assume, diante da liturgia, o significativo compromisso de promover a santificação e glorificação de Deus (dimensão vertical), bem como, a humanização e o serviço entre os amigos (dimensão horizontal), para que o ser humano coloque em movimento a dinâmica pascal como a imagem do Reino que quer se fazer presente por meio da amizade.

A liturgia, portanto, apresenta-se como *locus* privilegiado do encontro marcado por Deus para santificar e humanizar o ser humano, e Ele o realiza livremente através de um sinal concreto de Aliança – que não se restringe a um mero ritualismo, mas assume um sentido prático de escola de oração, hospitalidade e amizade, à medida que oferece à humanidade a possibilidade de ressignificar a sua origem – para celebrar, deste modo, o encontro daqueles que foram libertos da condição de servos para se tornarem os amigos de Deus.

¹⁴ IGMR 365, d.

¹⁵ LG 1.

O ITINERÁRIO DA AMIZADE NA REVELAÇÃO BÍBLICA

Este capítulo tem por objetivo retratar o itinerário da amizade na Revelação Bíblica, cujo pano de fundo é a teologia da amizade. Por uma questão de delimitação metodológica, devido à amplitude e complexidade do objeto proposto, foram selecionadas as perícopes fundamentais que tratam do tema bíblico da amizade.

A antiguidade clássica, em um amplo contexto, reconhecia a amizade entre os homens como um dom dos deuses, mas a amizade entre os deuses e os homens era considerada impossível e até inconcebível, uma vez que, para haver amizade, se exigia reciprocidade e igualdade entre as partes, que também não seria possível nas relações entre Deus e o ser humano¹⁶. Na Revelação veterotestamentária, Deus convida a humanidade a uma Aliança, por meio de homens, que, pelo privilégio de estar diante Dele, trilharam um caminho para todo ser humano que aceitar o convite de uma relação íntima com Deus, cujo ápice se realiza na Revelação neotestamentária¹⁷, na pessoa do Cristo Ressuscitado, que ilumina a amizade com seu ato extremo de doar a vida pelos amigos.

¹⁶ Referindo-se à amizade, Cícero a identifica como um dom dos deuses: “E creio que, exceto a sabedoria, nada de melhor receberam os homens dos deuses”. De Amicitia 20. In: CÍCERO, M. T., Da Amizade, p. 28; MIQUEL, P., La Amistad, p. 168; e PLATON, Oeuvres Complètes, Lysis ou de L’amitié, 212 b-d; e EN, VIII, 1157b, 35.

¹⁷ A maioria dos especialistas contemporâneos reconhece a precedência histórica e redacional de Mc como fonte para Mt e Lc. Entretanto, neste capítulo, o tema da amizade será trabalhado seguindo a sequência dos evangelhos no Lecionário da Missa, que é a sequência com a qual a Igreja celebra a palavra de Deus no ano litúrgico e está presente nas edições atuais da Sagrada Escritura. MEYNET, R., Jésus Passe: Testament, Jugement, Exécution et Résurrection du Seigneur Jésus dans les évangiles synoptiques, p. 12.